

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO III – As Leis Morais
CAPÍTULO VI – Lei de destruição

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – Destruição necessária e destruição abusiva	O Livro dos Espíritos	03
Destruição Necessária e Destruição Abusiva	O Consolador	05
II – Flagelos Destruidores	O Livro dos Espíritos	07
Flagelos destruidores	O Consolador	09
III – Guerras	O Livro dos Espíritos	12
Reflexões sobre as guerras	O Consolador	13
IV – Assassínio	O Livro dos Espíritos	15
Estranho delito	O Consolador	16
V – Crueldade	O Livro dos Espíritos	17
O ódio “que alimenta”	O Consolador	18
VI – Duelo	O Livro dos Espíritos	20
Doçura, Paciência, Bondade	O Caminho Reto	21
Inimigos	Pão Nosso	23
VII – Pena de morte	O Livro dos Espíritos	24
Pena de morte	O Consolador	26
Carregar a nossa Cruz	O Consolador	27

Livro terceiro – As leis morais
Capítulo VI – Lei de destruição

I – Destruição necessária e destruição abusiva

728. É lei da Natureza a destruição?

“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar.

Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.”

a) — O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.”

729. Se a regeneração dos seres faz necessária a destruição, por que os cerca a Natureza de meios de preservação e conservação?

“A fim de que a destruição não se dê antes de tempo.

Toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente. Por isso foi que Deus fez que cada ser experimentasse a necessidade de viver e de se reproduzir.”

730. Uma vez que a morte nos faz passar a uma vida melhor, nos livra dos males desta, sendo, pois, mais de desejar do que de temer, por que lhe tem o homem, instintivamente, tal horror, que ela lhe é sempre motivo de apreensão?

“Já dissemos que o homem deve procurar prolongar a vida, para cumprir a sua tarefa. Tal o motivo por que Deus lhe deu o instinto de conservação, instinto que o sustenta nas provas. A não ser assim, ele muito frequentemente se entregaria ao desânimo. A voz íntima, que o induz a repelir a morte, lhe diz que ainda pode realizar alguma coisa pelo seu progresso. A ameaça de um perigo constitui aviso, para que se aproveite da dilação que Deus lhe concede. Mas, ingrato, o homem rende graças mais vezes à sua estrela do que ao seu Criador.”

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, colocou a Natureza os agentes de destruição?

“É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. Será idêntica, em todos os mundos, a necessidade de destruição?

“Guarda, proporções com o estado mais ou menos material dos mundos. Cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados. Muito diversas são as condições de existência nos mundos mais adiantados do que o vosso.”

733. Entre os homens da Terra existirá sempre a necessidade da destruição?

“Essa necessidade se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria. Assim é que, como podeis observar, o horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. Em seu estado atual, tem o homem direito ilimitado de destruição sobre os animais?

“Tal direito se acha regulado pela necessidade, que ele tem, de prover ao seu sustento e à sua segurança. O abuso jamais constituiu direito.”

735. Que se deve pensar da destruição, quando ultrapassa os limites que as necessidades e a segurança traçam?

Da caça, por exemplo, quando não objetiva senão o prazer de destruir sem utilidade?

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual.

Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.”

736. Especial merecimento terão os povos que levam ao excesso o escrúpulo, quanto à destruição dos animais?

“Esse excesso, no tocante a um sentimento louvável em si mesmo, se torna abusivo e o seu merecimento fica neutralizado por abusos de muitas outras espécies. Entre tais povos, há mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.”

45 – 02/03/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E DESTRUIÇÃO ABUSIVA

A destruição atinge os corpos, mas não afeta os Espíritos

1. A destruição recíproca do seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Por que o Criador estabeleceu a necessidade de eles mutuamente se destruírem para se alimentarem uns à custa dos outros?

2. Para aquele que enxerga apenas a matéria, que limita sua visão à vida presente, isto parece, sem dúvida, uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens julgam a perfeição de Deus pelo seu ponto de vista; sua própria opinião é a medida da sua sabedoria; pensam, assim, que Deus não poderia fazer melhor do que eles próprios o fazem.

3. Como sua vista curta não lhes permite julgar o conjunto, não entendem que de um mal aparente pode resultar um bem real. O conhecimento do princípio espiritual e da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da Criação, é o único que pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia onde não via, antes, senão uma anomalia e uma contradição.

4. A primeira utilidade que decorre dessa destruição – utilidade de natureza puramente física – é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão por meio de matérias orgânicas, que são as únicas que contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como os corpos – instrumentos da ação do princípio inteligente – têm necessidade de ser incessantemente renovados, a Providência os faz servir para a sua manutenção mútua. É por isso que o corpo se nutre do corpo, mas o Espírito não é destruído nem alterado; apenas se despoja do seu envoltório.

A luta pela sobrevivência desenvolve o ser espiritual

5. Outra utilidade decorrente da lei de destruição é a necessidade que tem o ser espiritual de desenvolver-se. A luta é necessária a esse desenvolvimento, porque na luta ele exercita suas faculdades. O ser que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando por conseguinte suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe, mas, em realidade, que foi que o mais forte ou mais destro tirou ao outro? A veste de carne, nada mais. Ulteriormente, o ser espiritual – que jamais morre – tomará outra.

6. Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, a luta tem por móvel unicamente a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a de alimentar-se, para assegurar a própria sobrevivência. Eles lutam, pois, unicamente para viver, ou seja, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os estimula. É nesse período que a alma se elabora e se ensaia para a vida.

7. Uma terceira utilidade da lei de destruição é que, ao se destruírem uns aos outros, pela necessidade de alimentar-se, os seres infra-humanos mantêm o equilíbrio na reprodução, impedindo-a de tornar-se excessiva e contribuindo, além disso, com seus despojos, para uma infinidade de aplicações úteis à Humanidade.

Toda destruição abusiva é uma violação da lei de Deus

8. Examinando a questão apenas do ponto de vista do comportamento do homem, aprendemos com a Doutrina Espírita que a matança de animais, bárbara sem dúvida, foi, ainda é e será por algum tempo necessária na Terra; contudo, à medida que os terrícolas se depuram, sobrepondo o

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

espírito à matéria, o uso de alimentação carnívora passa a ser cada vez menor, até desaparecer definitivamente, como já se verifica nos mundos mais adiantados que o nosso.

9. A necessidade de destruição guarda proporção com o estado mais ou menos material dos mundos. E cessa quando o físico e o moral se acham mais depurados. Muito diversas são, pois, as condições de existência nos mundos mais adiantados que a Terra.

10. Conforme os ensinamentos espíritas, o homem só é escusado de responsabilidade nessa destruição na medida em que a faça para prover ao seu sustento ou garantir sua segurança. Fora disso, quando, por exemplo, se empenha em caçadas pelo simples prazer de matar, terá que prestar contas a Deus pelos abusos que cometa, os quais revelam inegavelmente a predominância dos maus instintos.

11. Toda destruição – ensina o Espiritismo – que excede os limites da necessidade constitui uma violação da lei de Deus e será, por esse motivo, severamente punida.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 728, 730 e 735.)

Kardec Allan, A Gênese, (itens 20, 23 e 24.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (itens 2 a 4.)

Calligaris Rodolfo, As Leis Morais, (págs. 91 e 92.)

II – Flagelos destruidores

737. Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores?

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados.

Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciais; daí vem que os qualificais de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.” (744)

738. Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?

“Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém não se aproveita desses meios.

Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.”

a) — Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Será justo isso?

“Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo bem pouca coisa é.

Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto vos queixais. Representam um ensino que se vos dá e que vos servirá no futuro.

Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real (85). Esses os filhos de Deus e o objeto de toda a sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizem aos homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos.

O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

b) — Mas, nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de o ser.

“Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.”

Venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que maior número parte ao mesmo tempo.

Se, pelo pensamento, pudéssemos elevar-nos de maneira a dominar a Humanidade e a abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.

739. Têm os flagelos destruidores utilidade, do ponto de vista físico, não obstante os males que ocasionam?

“Têm. Muitas vezes mudam as condições de uma região.

Mas, o bem que deles resulta só as gerações vindouras o experimentam.”

740. Não serão os flagelos, igualmente, provas morais para o homem, por porem-no a braços com as mais aflitivas necessidades?

“Os flagelos são provas que dão ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.”

741. Dado é ao homem conjurar os flagelos que o afligem?

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

“Em parte, é; não, porém, como geralmente o entendem.

Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem.

À medida que adquire conhecimentos e experiência, ele os vai podendo conjurar, isto é, prevenir, se lhes sabe pesquisar as causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, alguns há de caráter geral, que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, mais ou menos, o contragolpe. A esses nada pode o homem opor, a não ser sua submissão à vontade de Deus. Esses mesmos males, entretanto, ele muitas vezes os agrava pela sua negligência.”

Na primeira linha dos flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. Não tem, porém, o homem encontrado na Ciência, nas obras de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, nos afolhamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, meios de impedir, ou, quando menos, de atenuar muitos desastres? Certas regiões, outrora assoladas por terríveis flagelos, não estão hoje preservadas deles? Que não fará, portanto, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar-se de todos os recursos da sua inteligência e quando, aos cuidados da sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento de verdadeira caridade para com os seus semelhantes? (707)

Crônicas e Artigos

55 – 11/05/2008

O Consolador – (Arthur Bernardes de Oliveira)

II. Flagelos Destruidores

Flagelos Destruidores

Periodicamente somos abalados por ocorrências que costumam trazer muito sofrimento a todos nós. Todos os anos, em algum lugar do planeta, ocorrem fenômenos amedrontadores. Enchentes são anuais. Não passa um só verão sem que, em algum recanto da Terra, as enchentes não destruam casas, desmoronem barrancos, matem muita gente.

Furacões são comuns nos Estados Unidos da América destruindo lares, enlutando regiões, fazendo desaparecer patrimônios construídos com tanto sacrifício.

Tremores de terra têm enlutado inúmeros países. Há poucos anos, só no México, mais de duas mil pessoas desapareceram debaixo de escombros e de inundações.

Ainda sofrem as consequências de um fantástico maremoto três dos nossos continentes de onde desapareceram, debaixo das águas, mais de trezentas mil pessoas.

Raios, no Brasil, ocorrem cem milhões de vezes todos os anos. Alguns matam gente, animais e aves, ou destroem plantações. Pestes, vez por outra, nos visitam, eliminando vidas e provocando muito sofrimento e dor. Guerras, revoluções, atos de terrorismo são comuns o ano inteiro nos mais diversos países.

Ainda hoje, morre muita gente de fome. Doenças sem tratamento desafiam a ciência dos homens. Secas continuam sacrificando pessoas e regiões.

AIDS, tuberculose, câncer e malária prosseguem ceifando vidas e enlutando corações. Flagelos da destruição, próprios do nosso planeta, eliminando sonhos e amargando corações.

Kardec quis saber dos Espíritos por que razão Deus, infinitamente bom e perfeito, permite tais fatos na vida das pessoas. E perguntou: “Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos que destroem tantos sonhos e eliminam tantas vidas?” – “Para fazer a humanidade progredir mais depressa” – disseram os Espíritos. E prosseguiram: “Já dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento.

O homem considera tais eventos como flagelos por causa dos prejuízos que eles costumam trazer. São, entretanto, subversões frequentemente necessárias para que mais depressa ocorra melhor ordem de coisas, conseguindo-se em alguns anos o que exigiria, talvez, muitos séculos”.

Emmanuel, no livro Religião dos Espíritos, comentando a questão, nos recorda os dez antigos flagelos com que se defrontou a Humanidade e cujo enfrentamento resultou num largo passo no caminho de sua evolução e crescimento cultural.

O primeiro flagelo foi a barbárie. Vivíamos como selvagens, os mais fortes expulsando os mais fracos, tomando-lhes as terras e as provisões. Não havia limites, nem marcos divisórios. Éramos como selvagens sem respeito ao nosso semelhante. Egoísmo e violência caracterizando a vida como se fôssemos animais selvagens. Período de desregramentos de instintos. Surgem múltiplas formas de organização e defesa. Hábitos começam a mudar. Nascem limites territoriais, os estados, as cidades, os reinos.

Depois veio a fome: os bens que a Terra produzia, à revelia dos homens, foram escasseando. Ninguém plantava. Nem tudo se podia colher no mesmo clima ou no mesmo lugar. Surgem a agricultura, o câmbio e o comércio. Trocam-se mercadorias; universalizam-se os costumes. Chega

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

a peste dizimando populações inteiras. É a malária, a varíola, a difteria, a cólera, a tuberculose. Nasce a ciência e traz as vacinas, as drogas, os tratamentos, as curas.

No primitivismo, o homem copia a arte do castor, mas produz muito pouco. A população cresce. Faltam os bens que a ansiedade procura. Aparece a indústria, que aperfeiçoa processos e multiplica o que faz, e os bens começam a sobrar.

A ignorância alenta as trevas do espírito. Como aprender? Como se instruir? Como fazer crescer conhecimento e cultura? Brilha a imprensa e livros começam a brotar. “Livros, livros a mancheias enchendo a terra e o ar. É luz que brilha na mente e põe o povo a pensar” – clama o poeta em seu cantar.

Mas o insulamento mantém os povos e as comunidades apartadas de informações. Os ventos do progresso e da evolução não levam de um ponto a outro, seus avanços e suas conquistas. Não se caminham notícias, nem se espalham descobertas. Eis que surgem o telégrafo e a navegação aérea e o mundo se torna uma aldeia global. Vemos, aqui e agora, o que os nossos irmãos no outro lado da Terra estão fazendo nas ruas. De repente todos nos tornamos vizinhos. E o insulamento se esvai.

O consumismo se expande; a vaidade vem junto e a imundície apavora. É o reinado do lixo que continua desafiando a ciência do homem e a incúria dos governos no mundo inteiro. Aparecem tímidas usinas de reciclagem, mas estamos muito longe de vencer essa praga. Lixo que facilita inundações, acelera desmoronamentos e dissemina moléstias de várias sorte.

Finalmente, a guerra que continua desafiando a inteligência e a evolução humana. Não passou, porque ela é produto do egoísmo, do orgulho e do materialismo humano. Só desaparecerá com o progresso de todos nós. Com a implantação da mensagem do Cristo no coração de cada habitante do planeta.

Kardec perguntou: “Não poderia Deus empregar outros meios – que não os flagelos que nos maltratam tanto – para conseguir a melhoria da Humanidade?” – “Poderia e os emprega todos os dias” – responderam os Espíritos – “porque deu, a todos, os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal, mas o homem não se aproveita desses meios. Daí a necessidade de ser sacudido pelo único processo que amansa a sua teimosia e consegue acordá-lo: o sofrimento, linguagem única, infelizmente, que o homem da Terra consegue entender.”

“Mas, nesses flagelos” – continua Kardec- “tanto é atingido o homem bom como o homem mau. É justo isso?” E os Espíritos esclarecem: “Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; muito diferente é seu pensamento depois que morre. Conforme temos dito, várias vezes, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade.

Nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses de que vos queixais tanto. Representam um ensino que se vos dá e que muito vos servirá no futuro”.

Assustamo-nos com o número de mortes que costumam ocorrer em consequência desses flagelos. São irrelevantes quando os comparamos com o número de mortes que ocorrem, naturalmente, todos os dias, no planeta.

Além disso, tais eventos têm sua necessidade de ordem física e funcionam em obediência a um planejamento superior. Muitos deles mudam as condições de uma região, mas o bem que disso resulta só as gerações futuras conseguirão experimentar e entender. São acomodações de ordem física, porque o planeta ainda não está definitivamente pronto.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

Há lacunas a preencher; espaços a ocupar; equilíbrios a conquistar. Muitos desses flagelos poderão ser conjurados pelos homens, quando tivermos alcançado conhecimento e postura moral para isso, pois muitos desses flagelos são originados da imprevidência humana.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

III – Guerras

742. Que é o que impele o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem — o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos frequente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.”

743. Da face da Terra, algum dia, a guerra desaparecerá?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.”

744. Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?

“A liberdade e o progresso.”

a) — Desde que a guerra deve ter por efeito produzir o advento da liberdade, como pode frequentemente ter por objetivo e resultado a escravização?

“Escravização temporária, para esmagar os povos, a fim de fazê-los progredir mais depressa.”

745. Que se deve pensar daquele que suscita a guerra para proveito seu?

“Grande culpado é esse e muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassínios de que haja sido causa, porquanto responderá por todos os homens cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.”

Reflexões sobre as guerras

As guerras do Oriente Médio são preocupantes, como é toda e qualquer guerra, seja ela política, econômica, religiosa, ou étnica, seja entre nações ou grupos em um mesmo país, ostensiva ou velada – recebendo outros nomes, mas sempre o mesmo combate –, porque o preconceito, a ganância desmedida e o prazer pelo poder estão, quase sempre, no cerne de todas elas.

O que nos deixa perplexos é o fato de todos nós estarmos, direta ou indiretamente, envolvidos nessas contendas, pois é difícil não tomar partido, formar opinião, já que as consequências dessas batalhas acabam por nos afetar, trazendo inquietações de todos os tipos. Todavia, mesmo sendo um momento de pesar, também é momento de se pensar e refletir sobre todas as causas e implicações desses fatos. Para isso, é necessário que estabeleçamos a ideia de que a guerra não acontece, externamente, ao homem – isso é só um reflexo –, porque, na verdade, ela tem seu início dentro do próprio homem.

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo IX, item 8, os Espíritos dizem que “cada época é marcada pelo cunho da virtude ou do vício que a devem salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual, seu vício é a indiferença moral.” Nada mais verdadeiro do que aquilo que hoje presenciamos.

E, ainda, no item 9, eles nos lembram que o orgulho é o que nos leva a esse estado de coisas, por nos julgarmos superiores aos outros. Cada líder, não importa sua área de atuação, não pode se colocar como se fosse a sua Religião, o seu povo ou o seu grupo, porque não pode ser a individualidade que cada criatura representa.

Cada homem, perante Deus, é o seu próprio representante e, portanto, responsável por suas escolhas diante das Leis Divinas.

Todas as vezes que tomamos a parte pelo todo, corremos o risco de cometer grandes equívocos. Imaginemo-nos chegando a uma cidade desconhecida e nos defrontando com uma periferia carente de tudo – situação fácil de ser imaginada nos nossos dias. Diante de tal quadro, recusamo-nos a continuar a viagem por supor, erroneamente, com base naquilo que vemos, que toda a cidade seja igual.

Muitas vezes, sem perceber, julgamos uma pessoa por uma atitude isolada, por uma palavra dita, por um gesto, esquecendo-nos, quase sempre, que quando colocados em determinadas circunstâncias, poderemos agir de forma diferente da qual estamos acostumados.

Por exemplo, quando estamos em um meio religioso, nos sentimos calmos, em paz e fraternos. Mas, quando voltamos à realidade estressante do dia-a-dia, não conseguimos manter, o mesmo comportamento mental. Evidentemente que o ideal seria permanecermos na mesma harmonia, mas isso, ainda, é impossível.

Não podemos, portanto, imaginar que o povo islâmico é como seus líderes radicais; ou que o Presidente americano pensa e age como todo o povo que representa politicamente; ou, ainda, que os líderes israelenses, sintetizem as opiniões e o pensamento de todo o povo judeu. Poderíamos citar, infinitamente, outros tantos exemplos, mas vamos permanecer apenas nesses.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

Jesus é claro, quando nos lembra que o escândalo é recurso para modificação de atitudes; mas, também, nos adverte que a responsabilidade de quem o provocar será muito grande perante as Leis de Deus.

Inúmeras vezes, presenciamos situações em que os escândalos foram divisores na maneira de pensar e de agir, tanto de uma nação quanto dos indivíduos, isoladamente. É instrumento de progresso, quando obriga o homem a repensar seus valores, conceitos e sentimentos mais íntimos.

Essas lutas que, infelizmente, surgem, desde que o homem se colocou sobre dois pés, mostram-nos o quanto ainda temos que caminhar para transformar a guerra íntima em paz que se expande, de dentro de nós, para todos os que nos cercam.

Não podemos supor que a paz almejada possa ser imposta de fora para dentro, pois a própria história do homem – pessoal ou social – é calcada na transgressão de qualquer regra que seja imposta, seja na política, na vida social, na educação, nas artes ou na religião.

Em O Livro dos Espíritos, questão 728, Kardec pergunta aos Espíritos superiores se a destruição é uma lei da Natureza e eles dizem que sim, se tomarmos a palavra destruição como sinônimo de transformação.

Assim acontece, quando um animal mata o outro para se alimentar ou se defender, garantindo sua própria sobrevivência e conseqüente reprodução. Estabelece, com isso, o equilíbrio na Natureza, onde a presença de muitos indivíduos de uma mesma espécie pode destruir, para sempre, uma outra.

Entretanto, quando na questão 742, Kardec indaga: “Qual é a causa que leva o homem à guerra?”, os Orientadores Espirituais são categóricos em afirmar que é a “predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões.”

E, na questão 745, lembram-nos que aquele que provocar a guerra em seu proveito próprio, “este é o verdadeiro culpado e precisará de muitas existências para expiar todos os homicídios dos quais foi a causa, porque responderá pelo homem, cada um deles, ao qual causou a morte para satisfazer sua ambição.”

O homem progredirá em saber e humanidade, mais cedo ou mais tarde. Como não é natural querer o mal para si, dia virá em que ele entenderá o convite amoroso de Nosso Senhor e Mestre Jesus: Ama a teu próximo como a ti mesmo.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

IV – Assassínio

746. É crime aos olhos de Deus o assassinio?

“Grande crime, pois que aquele que tira a vida ao seu semelhante corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Aí é que está o mal.”

747. É sempre do mesmo grau a culpabilidade em todos os casos de assassinio?

“Já o temos dito: Deus é justo, julga mais pela intenção do que pelo fato.”

748. Em caso de legítima defesa, escusa Deus o assassinio?

“Só a necessidade o pode escusar. Mas, desde que o agredido possa preservar sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo.”

749. Tem o homem culpa dos assassinios que pratica durante a guerra?

“Não, quando constrangido pela força; mas é culpado das crueldades que cometa, sendo-lhe também levado em conta o sentimento de humanidade com que proceda.”

750. Qual o mais condenável aos olhos de Deus, o parricídio ou o infanticídio?

“Ambos o são igualmente, porque todo crime é um crime.”

751. Como se explica que entre alguns povos, já adiantados sob o ponto de vista intelectual, o infanticídio seja um costume e esteja consagrado pela legislação?

“O desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem. Um Espírito, superior em inteligência, pode ser mau. Isso se dá com aquele que muito tem vivido sem se melhorar: apenas sabe.”

Estranho delito

Observando a hostilidade manifesta que vem sofrendo a Doutrina Espírita, desde a enunciação dos seus princípios com Allan Kardec, estudemos o motivo pelo qual teria sido Jesus condenado, na barra dos tribunais humanos.

Todos sabemos que o Cristo não foi vítima de assassinio vulgar. Não obstante, sem razão foi preso, inquirido, processado, qualificado na posição de réu e condenado à morte pelo mais alto conselho da comunidade a que pertencia.

O libelo (1) não permaneceu circunscrito ao âmbito religioso da nação israelita. A sentença foi conduzida à ratificação do arbítrio romano, na pessoa de Pilatos, submetida à consideração da autoridade provincial, na presença de Antipas, e, em seguida, exposta ao veredito da multidão.

Dentre todos os poderes a que foi apresentado, não se tem notícia de voz alguma que se levantasse para defendê-lo. Entretanto, qual teria sido a culpa do Mestre nos quadros do seu tempo?

Ter-se-ia incompatibilizado com os sacerdotes? Declarava, ele mesmo, que não vinha destruir a Lei, mas sim dar-lhe cumprimento.

Afrontaria, acaso, os abastados do mundo? Não possuía uma pedra em que repousar a cabeça.

Guerreara os políticos dominantes? Ensinava o respeito à legalidade, proclamando que se deve dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Menoscabara (2), porventura, o prestígio dos médicos? Valia-se apenas da oração e do magnetismo divino de que se fazia intérprete no socorro aos doentes.

Dilapidara o interesse dos comerciantes? Em sua época, qual acontece ainda hoje, pratica a beneficência quem multiplique pães e peixes em favor dos famintos.

Insultara os filósofos e os pesquisadores do espírito, sequiosos de experiência? Ele mesmo anunciou que todos conheceremos a verdade para que a verdade nos faça livres.

E, depois de crucificado, seus continuadores legítimos por muito tempo foram perseguidos, humilhados, espancados, martirizados e ridicularizados, apodrecendo nos cárceres, algemados a ferros, supliciados em gabinete de tortura, passados a fio de espada ou cedidos à sanha de feras sanguinárias nos espetáculos públicos.

E agora que a Doutrina Espírita lhe revive os ensinamentos, quantos lhe esposam o programa de educação e justiça, de libertação moral e fraternidade pura — já que a evolução do Direito, entre os homens, não mais permite se ergam cruces e fogueiras para os que creem na Sabedoria e no Amor da Providência Divina — padecem calúnia e vilipêndio (3), sarcasmo e perseguição.

Isso, porém, acontece simplesmente porque a infração do Espiritismo, que reverencia a Religião, ilumina a Filosofia e venera a Ciência, tanto quanto o delito de Jesus e de seus genuínos seguidores, nos primeiros três séculos do Cristianismo apostólico, é o de combater o cativo da ignorância e o império do vício, a sombra da mentira e o domínio da opressão, ajudando a alma do povo a sentir e a raciocinar.

(1) Acusação.

(2) Diminuir por importância.

(3) Rebaixar, desvalorizar.

Referência:

Emmanuel, Religião dos Espíritos, (psicografia Chico Xavier), (cap. 60.)

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

V – Crueldade

752. Poder-se-á ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

“É o instinto de destruição no que tem de pior, porquanto, se, algumas vezes, a destruição constitui uma necessidade, com a crueldade jamais se dá o mesmo. Ela resulta sempre de uma natureza má.”

753. Por que razão a crueldade forma o caráter predominante dos povos primitivos?

“Nos povos primitivos, como lhes chamas, a matéria prepondera sobre o Espírito. Eles se entregam aos instintos do bruto e, como não experimentam outras necessidades além das da vida do corpo, só da conservação pessoal cogitam e é o que os torna, em geral, cruéis. Demais, os povos de imperfeito desenvolvimento se conservam sob o império de Espíritos também imperfeitos, que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir ou enfraquecer essa influência.”

754. A crueldade não derivará da carência de senso moral?

“Dize — da falta de desenvolvimento do senso moral; não digas da carência, porquanto o senso moral existe, como princípio, em todos os homens. É esse senso moral que dos seres cruéis fará mais tarde seres bons e humanos. Ele, pois, existe no selvagem, mas como o princípio do perfume no gérmen da flor que ainda não desabrochou.”

Em estado rudimentar ou latente, todas as faculdades existem no homem. Desenvolvem-se, conforme lhes sejam mais ou menos favoráveis as circunstâncias. O desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o das outras. A sobre-excitação dos instintos materiais abafa, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

755. Como pode dar-se que, no seio da mais adiantada civilização, se encontrem seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?

“Do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos se encontram verdadeiros abortos. São, se quiseres, selvagens que da civilização só têm o exterior, lobos extraviados em meio de cordeiros. Espíritos de ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens adiantados, na esperança de também se adiantarem. Mas, desde que a prova é por demais pesada, predomina a natureza primitiva.”

756. A sociedade dos homens de bem se verá algum dia expurgada dos seres malfazejos?

“A Humanidade progride. Esses homens, em quem o instinto do mal domina e que se acham deslocados entre pessoas de bem, desaparecerão gradualmente, como o mau grão se separa do bom, quando este é joeirado. Mas, desaparecerão para renascer sob outros invólucros. Como então terão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Tens disso um exemplo nas plantas e nos animais que o homem há conseguido aperfeiçoar, desenvolvendo neles qualidades novas. Pois bem, só ao cabo de muitas gerações o desenvolvimento se torna completo. É a imagem das diversas existências do homem.”

Crônicas e Artigos

358 – 13/04/2014

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

O ódio “que alimenta”

V. Crueldade

A violência só desaparecerá quando o Evangelho de Jesus, iluminando o coração humano, fizer com que todos se amem como irmãos.

Não há um dia sequer que não vejamos estampado em maior número de páginas dos jornais, ou predominando nas matérias das televisões, o noticiário referente às marcas da violência.

Na questão 742 de O Livro dos Espíritos,(1) os Espíritos respondem a Allan Kardec sobre a causa que leva o homem à guerra e que se pode aplicar à violência em geral. “Predominância da natureza animal sobre a espiritual e satisfação das paixões”, informam as Entidades Venerandas.

Na questão 743, a resposta à pergunta do Codificador: “A guerra desaparecerá um dia da face da Terra?” é: “Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então, todos os povos serão irmãos.”

Sobre a crueldade, uma das características mais impiedosas em todos os casos de violência, os Espíritos respondem a Kardec (questão 752) que “é o próprio instinto de destruição no que ele tem de pior; se a destruição é às vezes necessária, a crueldade jamais o é. Ela é sempre a consequência de uma natureza má”.

Seguindo as explicações dos Espíritos a Allan Kardec, vemos que o senso moral, ainda que não esteja desenvolvido, não está ausente, pois ele existe em todos os homens. “É esse senso moral que os transforma mais tarde em seres bons e humanos. Ele existe no selvagem como o princípio do aroma no botão de uma flor que ainda não se abriu.”

No livro Código de Direito Natural Espírita (2), José Fleuri Queiroz comenta que Arnold J. Toynbee, considerado um dos maiores historiadores dos tempos modernos, diz que talvez a razão fundamental das causas da atual onda de criminalidade seja a perda da religião. “Vivemos num vácuo religioso.

E talvez, em grande parte por esse motivo, os padrões tradicionais e os códigos de ética perderam sua força. Esse colapso espiritual surgiu nas duas grandes guerras mundiais, cujos efeitos foram cumulativos. As guerras abriram as comportas da onda de violência que hoje se derrama sobre o mundo”, enfatiza Toynbee.

Diz Fleuri Queiroz que “o homem viveu durante muito tempo preso ao formalismo religioso, à mera frequência às igrejas, mais como um cumprimento de uma obrigação herdada dos pais, submetendo-se às práticas e costumes do que por convenções autênticas.

Por isso, na medida em que amadureceu intelectualmente, superando condicionamentos seculares, desligou-se da religião, simplesmente porque ela já não atende seus anseios e necessidades. Esse fenômeno é observado com maior intensidade nos grandes centros urbanos, onde o indivíduo, motivado pelo desejo de desfrutar conforto e segurança, em base de enriquecimento e prestígio, multiplica-se em negócios e interesses relacionados com dinheiro e poder.

“Isso é muito grave, porquanto na medida em que o Homem passa a viver em função, exclusivamente, de interesses imediatistas, sem nenhuma cogitação de ordem espiritualizante, perde o controle dos impulsos agressivos que ainda o caracterizam, e a violência torna-se a

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

primeira consequência desse vácuo religioso a que se refere Toynbee. A mesma definição é apresentada por André Luiz quando, procurando explicar o fenômeno da violência, diz: ‘Falta de preparação religiosa. Não basta ao homem inteligência apurada. É-lhe necessário iluminar os raciocínios para a Vida Eterna.’

Fleuri Queiroz observa que os princípios da Reencarnação, da Lei de Causa e Efeito e do intercâmbio com os Espíritos desencarnados serão assimilados pelas Religiões do futuro.

Não que essa religião seja o Espiritismo, mas porque a Doutrina Espírita está na vanguarda de todos os movimentos libertadores da consciência humana.

“Quando a contenção da violência deixar de ser um problema policial e se transformar em questão de disciplina do próprio indivíduo; quando a paz for produto não da imposição das leis humanas, mas da observância coletiva das Leis Divinas, então viveremos num Mundo melhor.”

No livro *Religião dos Espíritos*, (3) Emmanuel diz que: “dos dez flagelos do mundo antigo que rebaixavam a vida humana: a barbárie, que perpetuava os desregramentos do instinto; a fome, que atormentava o grupo tribal; o primitivismo, que irmanava o engenho do homem e a habitabilidade do castor; a ignorância, que alentava as trevas do Espírito; o insulamento, que favorecia as ilusões do feudalismo; a ociosidade, que categorizava o trabalho à conta de humilhação e penitência; o cativo, que vendia homens livres nos mercados da escravidão; a imundície, que relegava a residência terrestre ao nível dos brutos; a guerra, que suprime a paz e justifica a crueldade e o crime entre as criaturas, veio a política e, instituindo vários sistemas de governo, anulou a barbárie. Apareceu o comércio e, multiplicando as vias de transporte, dissipou a fome. Surgiu a ciência, e exterminou a peste. Eclodiu a indústria, e desfez o primitivismo. Brilhou a imprensa, e prescreveu-se a ignorância. Criaram-se o telégrafo sem fio e a navegação aérea, e acabou-se o insulamento.

Progrediram os princípios morais, e o trabalho fulgiu como estrela na dignidade humana, desacreditando a ociosidade. Cresceu a educação espiritual, e aboliu-se o cativo. Agigantou-se a higiene, e removeu-se a imundície”.

Mas – finaliza Emmanuel, nem a política, o comércio, a ciência, a indústria, a imprensa, a aproximação entre os povos, a exaltação do trabalho, a evolução do direito individual, a higiene, conseguem resolver o problema da paz, pois a causa da guerra é o egoísmo, que se corporifica nas divergências do lar, se prolonga na intolerância da vaidade, no orgulho da violência, no desespero, no ódio e só desaparecerá quando o Evangelho de Jesus, iluminando o coração humano, fizer com que todos se amem como irmãos.

Referência:

(1) **Kardec** Allan, *O Livro dos Espíritos*

(2) **Queiroz** José Fleuri, *Código de Direito Natural Espírita*

(3) **Emmanuel**, *Religião dos Espíritos*, (psicografia Chico Xavier), (cap. ‘O Caminho da Paz’.)

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

VI – Duelo

757. Pode-se considerar o duelo como um caso de legítima defesa?

“Não; é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e mais moral, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que outrora se consideravam como o juízo de Deus.”

758. Poder-se-á considerar o duelo como um assassinio por parte daquele que, conhecendo a sua própria fraqueza, tem a quase certeza de que sucumbirá?

“É um suicídio.”

a) — E quando as probabilidades são as mesmas para ambos os duelistas, haverá assassinio ou suicídio?

“Um e outro.”

Em todos os casos, mesmo quando as probabilidades são idênticas para ambos os combatentes, o duelista incorre em culpa, primeiro, porque atenta friamente e de propósito deliberado contra a vida de seu semelhante; depois, porque expõe inutilmente a sua própria vida, sem proveito para ninguém.

759. Que valor tem o que se chama ponto de honra, em matéria de duelo?

“Orgulho e vaidade: dupla chaga da Humanidade.”

a) — Mas, não há casos em que a honra se acha verdadeiramente empenhada e em que uma recusa fora covardia?

“Isso depende dos usos e costumes. Cada país e cada século tem a esse respeito um modo de ver diferente.

Quando os homens forem melhores e estiverem mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando, nem se deixando matar, que repararão agravos.”

Há mais grandeza e verdadeira honra em confessar-se culpado o homem, se cometeu alguma falta, ou em perdoar, se de seu lado esteja a razão, e, qualquer que seja o caso, em desprezar os insultos, que o não podem atingir.

07 Doçura, Paciência, Bondade

Se o orgulho é o germe de uma multidão de vícios, a caridade produz muitas virtudes. Desta derivam a paciência, a doçura, a prudência. Ao homem caridoso é fácil ser paciente e afável, perdoar as ofensas que lhe fazem. A misericórdia é companheira da bondade.

Para uma alma elevada, o ódio e a vingança são desconhecidos. Paira acima dos mesquinhos rancores, é do alto que observa as coisas. Compreende que os agravos humanos são provenientes da ignorância e por isso não se considera ultrajada nem guarda ressentimentos. Sabe que perdoadando, esquecendo as afrontas do próximo, aniquila todo germe de inimizade, afasta todo motivo de discórdia futura, tanto na Terra como no espaço. Doçura, Paciência, Bondade

Se o orgulho é o germe de uma multidão de vícios, a caridade produz muitas virtudes. Desta derivam a paciência, a doçura, a prudência. Ao homem caridoso é fácil ser paciente e afável, perdoar as ofensas que lhe fazem. A misericórdia é companheira da bondade.

Para uma alma elevada, o ódio e a vingança são desconhecidos. Paira acima dos mesquinhos rancores, é do alto que observa as coisas. Compreende que os agravos humanos são provenientes da ignorância e por isso não se considera ultrajada nem guarda ressentimentos. Sabe que perdoadando, esquecendo as afrontas do próximo, aniquila todo germe de inimizade, afasta todo motivo de discórdia futura, tanto na Terra como no espaço.

A caridade, a mansuetude e o perdão das injúrias tornam-nos invulneráveis, insensíveis às vilanias(1) e às perfídias(2): promovem nosso desprendimento progressivo das vaidades terrestres e habitam-nos a elevar nossas vistas para as coisas que não possam ser atingidas pela decepção.

Perdoar é o dever da alma que aspira à felicidade. Quantas vezes nós mesmos temos necessidade desse perdão? Quantas vezes não o temos pedido? Perdoemos a fim de sermos perdoados, porque não poderíamos obter aquilo que recusamos aos outros. Se desejamos vingarnos, que isso se faça com boas ações. Desarmamos o nosso inimigo desde que lhe retribuimos o mal com o bem. Seu ódio transformar-se-á em espanto e o espanto, em admiração. Despertando-lhe a consciência obscurecida, tal lição pode produzir-lhe uma impressão profunda. Por esse modo, talvez tenhamos, pelo esclarecimento, arrancado uma alma à perversidade.

O único mal que devemos salientar e combater é o que se projeta sobre a sociedade. Quando esse se apresenta sob a forma de hipocrisia, simulação ou embuste, devemos desmascará-lo, porque outras pessoas poderiam sofrê-lo; mas será bom guardarmos silêncio quanto ao mal que atinge nossos únicos interesses ou nosso amor-próprio.

A vingança, sob todas as suas formas, o **duelo**, a guerra, são vestígios da selvageria, herança de um mundo bárbaro e atrasado. Aquele que entreviu o encadeamento grandioso das leis superiores, do princípio de justiça cujos efeitos se repercutem através das idades, esse poderá pensar em vingar-se?

Vingar-se é cometer duas faltas, dois crimes de uma só vez; é tornar-se tão culpado quanto o ofensor. Quando nos atingirem o ultraje ou a injustiça, imponhamos silêncio à nossa dignidade ofendida, pensemos nesses a quem, num passado obscuro, nós mesmos lesamos, afrontamos, espoliamos, e suportemos então a injúria presente como uma reparação. Não percamos de vista o alvo da existência que tais acidentes poderiam fazer-nos olvidar. Não abandonemos a estrada firme e reta; não deixemos que a paixão nos faça escorregar pelos declives perigosos que poderiam conduzir-nos à bestialidade; encaminhem-nos com ânimo robustecido. A vingança é uma loucura que nos faria perder o fruto de muitos progressos, recuar pelo caminho percorrido. Algum dia, quando houvermos deixado a Terra, talvez abençoemos esses que foram inflexíveis e intolerantes para conosco, que nos despojaram e nos cumularam de desgostos; abençoá-los-emos porque das suas iniquidades surgiu nossa felicidade espiritual. Acreditavam fazer o mal e,

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

entretanto, facilitaram nosso adiantamento, nossa elevação, fornecendo-nos a ocasião de sofrer sem murmurar, de perdoar e de esquecer.

A paciência é a qualidade que nos ensina a suportar com calma todas as impertinências. Consiste em extinguirmos toda sensação, tornando-nos indiferentes, inertes para as coisas mundanas, procurando nos horizontes futuros as consolações que nos levam a considerar fúteis e secundárias todas as tribulações da vida material.

A paciência conduz à benevolência. Como se fossem espelhos, as almas reenviam-nos o reflexo dos sentimentos que nos inspiram. A simpatia produz o amor; a sobranceira(3) origina a rispidez.

Aprendamos a repreender com doçura e, quando for necessário, aprendamos a discutir sem excitação, a julgar todas as coisas com benevolência e moderação. Prefiramos os colóquios úteis, as questões sérias, elevadas; fuçamos às dissertações frívolas e bem assim a tudo o que apaixona e exalta.

Acautelemo-nos da cólera, que é o despertar de todos os instintos selvagens amortecidos pelo progresso e pela civilização, ou mesmo uma reminiscência(4) de nossas vidas obscuras. Em todos os homens ainda subsiste uma parte de animalidade que deve ser por nós dominada à força de energia, se não quisermos ser submetidos, assenhoreados por ela. Quando nos encolerizamos, esses instintos adormecidos despertam e o homem torna-se fera. Então, desaparece toda a dignidade, todo o raciocínio, todo o respeito a si próprio.

A cólera cega-nos, faz-nos perder a consciência dos atos e, em seus furores, pode induzir-nos ao crime.

Está no caráter do homem prudente o possuir-se sempre a si mesmo, e a cólera é um indício de pouca sociabilidade e muito atraso. Aquele que for suscetível de exaltar-se deverá velar com cuidado as suas impressões, abafar em si o sentimento de personalidade, evitar fazer ou resolver qualquer coisa quando estiver sob o império dessa terrível paixão.

Esforcemo-nos por adquirir a bondade, qualidade inefável, auréola da velhice, doce foco onde se reaquecem todas as criaturas e cuja posse vale essa homenagem de sentimentos oferecida pelos humildes e pelos pequenos aos seus guias e protetores.

A indulgência, a simpatia e a bondade apazíguam os homens, congregando-os, dispondo-os a atender confiantes aos bons conselhos; no entanto, a severidade dissuade-os e afugenta. A bondade permite-nos uma espécie de autoridade moral sobre as almas, oferece-nos mais probabilidade de comovê-las, de reconduzi-las ao bom caminho. Façamos, pois, dessa virtude um archote com o auxílio do qual levaremos luz às inteligências mais obscuras, tarefa delicada, mas que se tornará fácil com um sentimento profundo de solidariedade, com um pouco de amor por nossos irmãos.

(1) Atributo ou caráter do que é vil ou vilão.

(2) Uma infelicidade, consiste em violar suposto compromisso assumido.

(3) Orgulho, arrogância.

(4) o que se conserva na memória.

137 Inimigos

“Amai, pois, os vossos inimigos.” Jesus (Lucas, 6:35)

A afirmativa do Mestre Divino merece meditação em toda parte.
Naturalmente que a recomendação, quanto ao amor aos inimigos, pede análise especial.
A multidão, em geral, não traduz o verbo amar senão pelas atividades cariciosas.

Para que um homem demonstre capacidade afetiva, ante os olhos vulgares, precisará movimentar imenso cabedal de palavras e atitudes ternas, quando sabemos que o amor pode resplandecer no coração das criaturas sem qualquer exteriorização superficial.

Porque o Pai nos confira experiências laboriosas e rudes, na Terra ou noutros mundos, não lhe podemos atribuir qualquer negação de amor.
No terreno a que se reporta o Amigo Divino, é justo nos detenhamos em legítimas ponderações.

Onde há luta há antagonismo(1), revelando a existência de circunstâncias com as quais não seria lícito concordar em se tratando do bem comum.
Quando o Senhor nos aconselhou amar os inimigos, não exigiu aplausos ao que rouba ou destrói, deliberadamente, nem mandou multiplicarmos as asas da perversidade ou da má fé.

Recomendou, realmente, auxiliarmos os mais cruéis; no entanto, não com aprovação indébita e sim com a disposição sincera e fraternal de ajudá-los a se reerguerem para a senda divina, através da paciência, do recurso reconstrutivo ou do trabalho restaurador.

O Mestre, acima de tudo, preocupou-se em preservar-nos contra o veneno do ódio, evitando-nos a queda em disputas inferiores, inúteis ou desastrosas.

Ama, pois, os que se mostram contrários ao teu coração, amparando-os fraternalmente com todas as possibilidades de socorro ao teu alcance, convicto de que semelhante medida te livrará do calamitoso **duelo** do mal contra o mal.

(1) Incompatibilidade, rivalidade.

VII – Pena de morte

760. Desaparecerá algum dia, da legislação humana, a pena de morte?

“Incontestavelmente desaparecerá e a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será, completamente, abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vós.”

Sem dúvida, o progresso social ainda muito deixa a desejar.

Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada. Se compararmos as garantias de que, entre esses mesmos povos, a justiça procura cercar o acusado, a humanidade de que usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não vão muito longe, não poderemos negar o avanço do gênero humano na senda do progresso.

761. A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?

“Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento.”

762. A pena de morte, que pode vir a ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido de necessidade em épocas menos adiantadas?

“Necessidade não é o termo. O homem julga necessária uma coisa, sempre que não descobre outra melhor. À proporção que se instrui, vai compreendendo melhormente o que é justo e o que é injusto e repudia os excessos cometidos, nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. Será um indício de progresso da civilização a restrição dos casos em que se aplica a pena de morte?

“Podes duvidar disso? Não se revolta o teu Espírito, quando lês a narrativa das carnificinas humanas que outrora se faziam em nome da justiça e, não raro, em honra da Divindade; das torturas que se infligiam ao condenado e até ao simples acusado, para lhe arrancar, pela agudeza do sofrimento, a confissão de um crime que muitas vezes não cometera? Pois bem! Se houvesse vivido nessas épocas, terias achado tudo isso natural e talvez mesmo, se foras juiz, fizesses outro tanto. Assim é que o que pareceu justo, numa época, parece bárbaro em outra. Só as leis divinas são eternas; as humanas mudam com o progresso e continuarão a mudar, até que tenham sido postas de acordo com aquelas.”

764. Disse Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá. Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim, a morte dada ao assassino não constitui uma aplicação dessa pena?

“Tomai cuidado! Muito vos tendes enganado a respeito dessas palavras, como acerca de outras. A pena de talião é a justiça de Deus. É Deus quem a aplica. Todos vós sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta existência ou em outra. Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus. Mas, não vos disse ele também: Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as ofensas como houverdes vós mesmos, perdoado, isto é, na mesma proporção em que houverdes perdoado, compreendei-o bem?”

765. Que se deve pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?

“É tomar o homem o lugar de Deus na distribuição da justiça. Os que assim procedem mostram quão longe estão de compreender Deus e que muito ainda têm que expiar. A pena de morte é um

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

crime, quando aplicada em nome de Deus; e os que a impõem se sobrecarregam de outros tantos assassínios.”

Crônicas e Artigos

150 – 21/03/2010

O Consolador – (Cláudia Schmidt)

VII. Pena de morte

Pena de morte

As leis divinas são as únicas que são eternas; as leis humanas mudam com o progresso e ainda mudarão até que sejam colocadas em harmonia com as leis divinas.” O Livro dos Espíritos, questão 763.

Esquecidos das imperfeições das leis humanas, muitos filósofos, religiosos e cidadãos defendem a aplicação da **pena** de morte para crimes hediondos e para assassinatos cruéis ou violentos. Porém, nos países onde essa pena é lei os índices de criminalidade não diminuíram.

A Doutrina Espírita esclarece que a vida continua após a morte. O criminoso condenado à **pena** de morte estará, assim, liberto da matéria e poderá agir, como Espírito, vingando-se de seus carrascos, obsediando-os ou ligando-se a outros criminosos, ainda encarnados, para cometer mais crimes.

Muitos criminosos estão tendo, na encarnação atual, novas oportunidades de reparar erros, de acordo com a lei divina, infalível, e que tudo sabe.

Não esqueçamos que muitos de nós já fomos algozes em vidas passadas e que, graças à bondade divina, tivemos ou estamos tendo novas oportunidades de acertar e reparar o mal realizado.

A morte não aniquila o mal; a reeducação, a regeneração, o perdão e o cumprimento da pena, sim, poderão auxiliar na transformação do indivíduo. Importante, portanto, oportunizar penas alternativas para que réus primários não adentrem nas escolas do crime que são as penitenciárias; que as prisões tenham oportunidades de trabalho, tratamento médico-psicológico e reeducação dos delinquentes, possibilitando a ressocialização e reintegração; e que não existam condenações vingativas, cruéis ou desumanas.

O condenado perigoso necessita de medida de segurança, privando-o do convívio em sociedade, mas nunca deve ser transformado em mais uma vítima do orgulho e do egoísmo social.

É, pois, impossível mensurar o valor de uma vida ou da integridade física de alguém, seja vítima ou algoz. Matar um criminoso nunca será justiça, será sempre vingança (podendo ser pública, se instituída pelo Poder Público), correndo-se o risco de voltarmos ao tempo do “olho por olho”.

Especial atenção deve ser dada à educação da criança e do jovem, e, no caso do delinquente, à reeducação, proporcionando o arrependimento e sua transformação moral, a fim de que evite o mal e (no futuro) pratique o bem, pois todo criminoso também é um Espírito em evolução.

Uma sociedade que se diz cristã não pode ser conivente com a **pena** de morte, lei oposta à moral evangélica. Como cristãos, devemos despertar consciências a favor da vida, do perdão e do amor universal. Lembremos: Jesus foi condenado à **pena** de morte.

Crônicas e Artigos

268 – 08/07/2012

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

Carregar a nossa Cruz

VII. Pena de morte

“Ele salvou a muitos e a si mesmo não pôde salvar-se”. (Mateus, 27:42).

Observando, historicamente, a trajetória de Jesus pelo mundo, através da ótica terrena, identificamos imenso fracasso do Mestre, pois que acabara condenado pelas autoridades da época à **pena** de morte, tendo sido crucificado publicamente.

No entanto, afirmara o próprio Cristo: “Eu venci o mundo” (Jesus João, 16:33), deixando bem nítido que ele havia cumprido integralmente a sua valiosa e indispensável missão; a de trazer o evangelho aos homens, apresentando à humanidade um novo e promissor roteiro de vida, que, se devidamente seguido, será capaz de assegurar a paz e a felicidade a cada criatura.

Em realidade, somos Espíritos eternos e temos como proposta definitiva chegar à perfeição, e, para tanto, o foco de nossas vitórias deverá ser direcionado para as conquistas de valores íntimos, morais, esses que nos assegurarão maturidade espiritual e plena conscientização das nossas reais finalidades na vida.

Muitos vencem no mundo, mas acabam derrotados espiritualmente. Conhecem a glória, a fama, o prestígio, o poder, a fortuna no convívio social onde se situam, mas, intimamente, carregam vulcões de sofrimento e ardem em labaredas de torturas e confusões mentais, dentro de um contexto de inenarráveis perturbações.

“Vencer no mundo” é bem diferente de “vencer o mundo”.

Na primeira situação encontramos vitórias materiais, aqui na Terra, na segunda, nós as temos espiritualmente.

E como a nossa verdadeira vida é a espiritual, pois que a permanência da Terra é curta e passageira, não temos dificuldades em concluir para qual direção precisamos apontar o rumo das nossas ações, procedimentos e atitudes.

Obviamente, ninguém está impedido de desfrutar uma vida material de conforto e comodidade, tendo obtido recurso para isso com honestidade; o equívoco se dá quando menosprezamos os valores espirituais, pois que esses são definitivos, eternos, enquanto os materiais são efêmeros e passageiros. Mas sempre que utilizamos os recursos da matéria dentro de um contexto de equilíbrio, eles nos ajudarão a progredir espiritualmente.

Na vida tudo é uma questão de bom senso e maturidade. Com tantas informações na atualidade, não podemos ignorar o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Somente tendo uma ampla consciência de eternidade é que teremos plenas possibilidades de traçar metas e objetivos que nos garantirão progresso e prosperidade reais.

Assim, no mínimo, utilizemos as mesmas forças, o mesmo ímpeto e os mesmos interesses que declinamos às buscas materiais, também às conquistas espirituais, para que não nos mergulhemos mais tarde nas águas turvas do arrependimento e do remorso.

Estudemos, com afincamento e zelo, as ciências terrenas, buscando o máximo de conhecimento nas escolas, livros e compêndios, mas não olvidemos a necessidade de conhecermos, detalhadamente, as ciências espirituais, pois que somos compostos de duas naturezas; a física e

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo VI)

a espiritual, e o equilíbrio da nossa vida somente o alcançaremos, integralmente, quando essas duas naturezas estiverem devidamente ajustadas.

Sendo Jesus Cristo o modelo a ser seguido, aprendamos com ele a também vencer o mundo, superando os defeitos que ainda insistem em nos fazer infelizes e adquirindo as virtudes que nos elevarão a patamares de bem-estar e tranquilidade.

Reflitamos.